Roque 20
27 e 28 março 2005

Casa do Sossego

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO*

Pequenina, magrinha, cabelos curtos, olhar agudo de olhos negros. Ali, parada, aguardando a oportunidade de apresentar-se e a sua proposta. Eu acabara de contar umas histórias (mitos, lendas e fábulas) para um auditório lotado com mais de 80 educadores sociais em uma Universidade. Recebia as congratulações e os abraços de alguns quando pousei a vista na figura daquela mulher a me esperar. Dirigi-me a ela abraçando-a, colocando-me à disposição para ouvi-la.

Com firmeza no olhar, lançou-me um convite: que eu fosse contar histórias para os seus vizinhos.

Desafiador esse convite. Respondi que aceitava. Agendamos o dia e a hora para que ela pudesse me apanhar em casa. Numa quarta-feira às 8 horas de uma manhã de sol, fui apanhado por aquela educadora franzina, dirigindo um fusquinha bem jeitoso.

Conversamos durante o percurso. A mulher anfitriã é professora pública atuante no bairro onde reside. Seu bairro é muito populoso. Em uma das ruas, a mulher pára o carro diante de uma casa com portas e janelas abertas e uma pequena varanda. Entramos. Encontrei algumas pessoas sentadas em cadeiras de balanço e outras em tamboretes de madeira e palha. Às mãos, jornais e revistas, espalhadas pelos cantos, cestas com livros em edições de bolso. Uma sala e dois quartos, uma copa, banheiro e uma pequena cozinha despidos de móveis e cortinas. Além das cadeiras e as cestas com livros, apenas a cozinha guardava um filtro com água e uma bandeja com alguns copos. Um pequeno pátio separava a casa de um outro cômodo: um quartinho equipado com uma cama, uma cômoda, uma mesinha e uma cadeira.

Junto ao quartinho também um banheiro modesto e um armário. Nesse cômodo residia aquela pequena mulher professora. Contou-me que herdara a casa de seus pais já falecidos. Decidira então por abrir a casa aos vizinhos, para que ali encontrassem paz e tranqüilidade para o descanso e a leitura. Os vizinhos das ruas próximas procuravam na casa um acolhimento fraterno e silêncio. Em alguns momentos a educadora promovia umas rodadas de conversas sobre as leituras dos jornais, revistas e daqueles livros expostos nas cestas. Conversas boas, animadoras das estimas e ações positivas.

Sentado ali com os vizinhos de minha amiga professora, muito timidamente, contei umas histórias e li algumas crônicas publicadas nos jornais do dia. Ali também chorei, chorei muito de emoção, percebendo a postura e o desprendimento daquela mulher.

Após duas horas de histórias, conversas, choros e muita escuta, despedi-me de todos e a uma senhora sentada numa cadeira de embalo fazendo crochê, perguntei o que procurava naquela casa, respondeu-me:

- Sossego, meu caro, sossego!

No trajeto de volta, quando me trazia para meu local de trabalho minha amiga me informou que conhecia outras pessoas que também faziam o mesmo que ela. Perguntou-me então se aceitaria outros convites para visitar e contar histórias em outras casas como a dela. Topei, é claro. E à minha amiga educadora social, pequenina de tamanho e de grandeza imensa de coração, minha gratidão, por me permitir experimentar esses bons momentos.

* Contador de Histórias